

construção social performática. Segundo a autora, o gênero não é algo inerente ao indivíduo, mas sim uma performance que se constrói através de atos repetidos no tempo.

Para Louro (2007), gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino), mas refere-se ao conjunto de representações que cada sociedade constrói para atribuir significados e características para cada um dos sexos, através da história.

Sob uma perspectiva histórica e filosófica, Foucault (1988) figura entre os principais teóricos que questionaram a sexualidade enquanto instrumento de poder e de controle social. Em *História da Sexualidade*, o autor afirma que “a sexualidade é uma construção histórica, profundamente marcada pelos discursos científicos, religiosos e jurídicos, funcionando como uma estratégia de normatização dos corpos e das condutas”. Além disso, ressalta que “a sexualidade está intimamente vinculada às relações de poder e aos sistemas de significação cultural, não podendo ser compreendida fora dos contextos históricos e sociais nos quais se manifesta” (Foucault, 1976, 1988, p. 92-93).

No campo da educação, Louro (2001) destaca que o trabalho com gênero e sexualidades deve ser compreendido como uma prática política, que envolve o reconhecimento das relações de poder presentes nos processos de ensino e aprendizagem. Assim, o papel da escola não é apenas o de transmitir conteúdos, mas também o de problematizar normas, valores e comportamentos naturalizados, muitas vezes responsáveis pela reprodução de desigualdades e preconceitos.

Como aponta Scott (1995), o gênero é uma categoria útil de análise histórica e social porque permite evidenciar as formas pelas quais o poder se estrutura e se reproduz. Trabalhar gênero e sexualidades na escola, portanto, não se trata de ensinar “temas polêmicos”, mas de construir uma prática pedagógica comprometida.

Ao abordar as temáticas de gênero e sexualidades, é inevitável relacioná-la ao contexto das interações e das práticas escolares. Trabalhar essa questão ainda exige aprofundamento teórico e, sobretudo, empatia, pois envolve reconhecimento, respeito e sensibilidade diante das diferenças. Em ambientes plurais como a escola, é fundamental que os profissionais da educação adotem um olhar atento e acolhedor, compreendendo que as múltiplas formas de ver e sentir presentes nos espaços educativos demandam diálogo, escuta e a integração de diferentes perspectivas.

Além disso, o ensino de Ciências pode ser um espaço privilegiado para desconstruir visões deterministas sobre sexo e gênero. Ao abordar temas como a diversidade biológica, a variação genética e os estudos em neurociência, os professores têm a oportunidade de questionar a ideia de que há uma correspondência direta e imutável entre sexo biológico,



identidade de gênero e orientação sexual. Pesquisas atuais em neurociência apontam, por exemplo, que a identidade de gênero e a orientação sexual são características que envolvem aspectos inatos e sociais, o que desafia a rigidez do modelo binário homem-mulher, heterossexual-homossexual.

A escola como espaço de (re)produção e transformação

A escola ocupa um papel central na socialização dos sujeitos, atuando tanto como reprodutora de normas quanto como possível espaço de transformação social. No entanto, ainda hoje, o ambiente escolar frequentemente reforça discursos normativos e excludentes relacionados a gênero e sexualidades. Isso ocorre, em parte, porque muitos docentes sentem-se inseguros ou despreparados para abordar essas temáticas, especialmente diante de resistências vindas de pais, alunos ou da própria gestão escolar. Como destacam Santos e Souza (2020), o enfrentamento das (im)possibilidades de trabalhar a diversidade de gênero e sexualidades nas instituições de ensino depende diretamente da formação e do apoio que os professores recebem, além do compromisso político e pedagógico da escola com a inclusão.

Em grande parte das instituições, os temas ligados às sexualidades ainda são tratados apenas sob o viés da reprodução humana, restringindo a discussão a uma perspectiva biológica. Pouco se aborda sobre identidade de gênero, diversidade sexual ou direitos das populações LGBTQIA+, o que contribui para a perpetuação de estigmas e para a marginalização de estudantes que não se encaixam nas normas hegemônicas.

No caso específico da escola analisada nesta pesquisa, observou-se que, embora alguns professores demonstrem sensibilidade ao tema, ainda predomina uma abordagem pontual e superficial. A falta de formação adequada e a ausência de políticas institucionais claras figuram entre os principais obstáculos à construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, por reconhecer que as discussões sobre gênero e sexualidades, quando associadas ao ensino de Ciências, demandam uma análise crítica e interpretativa das produções acadêmicas existentes. Esse tipo de investigação mostra-se especialmente adequado para compreender em profundidade os fenômenos sociais, levando em conta suas diferentes dimensões, contextos e significados (Minayo, 2016).



O lócus desta investigação é uma escola municipal situada no município de Jaguaquara/Bahia. A escolha dessa instituição se deu por sua relevância no contexto local e por possibilitar o contato direto com docentes e discentes que vivenciam, em seu cotidiano escolar, questões relacionadas a gênero e sexualidades.

Os sujeitos participantes foram professoras de Ciências do 8º ano e alunos(as) da mesma série. A escolha das docentes se justifica pelo fato de que a disciplina de Ciências aborda conteúdos como corpo humano, reprodução e saúde sexual, temas que se articulam diretamente às discussões sobre gênero e sexualidades. Assim, essas profissionais ocupam uma posição estratégica para refletir sobre tais questões no contexto escolar. Já os(as) estudantes foram incluídos(as) por estarem em uma fase marcada por intensas mudanças físicas, emocionais e hormonais, fatores que influenciam de forma significativa suas experiências e percepções acerca das sexualidades e da identidade de gênero.

De acordo com Santos e Souza (2020), o trabalho com diversidade de gênero e sexualidades na escola ainda enfrenta resistências e desafios, sendo necessário investir em processos formativos e reflexivos que preparem os educadores para lidar com tais temas de forma crítica e acolhedora. Essa compreensão também orientou a escolha dos sujeitos da pesquisa, reconhecendo-os como agentes fundamentais na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados diferentes instrumentos metodológicos, observação participante, rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas.

A observação participante possibilitou acompanhar o cotidiano escolar de forma direta, permitindo compreender como as relações de gênero e sexualidades se manifestam nas interações entre professoras e alunos(as), bem como nas práticas pedagógicas. Essa técnica, conforme explica Minayo (2016), favorece o contato da pesquisadora com o campo investigado, permitindo captar significados e comportamentos em seus contextos reais.

As rodas de conversa são concebidas como espaços coletivos de diálogo e reflexão, nos quais os participantes puderam expressar suas percepções e vivências acerca das temáticas abordadas. Segundo Gatti (2005), esse instrumento é especialmente eficaz para promover a troca de saberes e a construção compartilhada de sentidos, uma vez que valoriza a escuta e o protagonismo dos sujeitos.

Por fim, as entrevistas semiestruturadas, realizadas de modo individual, permitiu aprofundar as questões emergentes das observações e das rodas de conversa. De acordo com Flick (2009), esse tipo de entrevista combina flexibilidade e direcionamento, o que possibilita



explorar em maior profundidade as experiências, opiniões e significados atribuídos pelos participantes.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que essa metodologia é a mais adequada para investigar os significados, sentidos e interpretações que os sujeitos atribuem às suas práticas e aos contextos nos quais estão inseridos. Para Minayo (2016), a abordagem qualitativa busca compreender os fenômenos sociais em sua complexidade, levando em conta suas múltiplas dimensões e significados. Assim, essa perspectiva permite captar nuances, contradições e ambiguidades presentes no cotidiano escolar, oferecendo uma visão mais densa, sensível e contextualizada da realidade estudada.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Até o momento, as informações coletadas evidenciam que a abordagem dos temas de gênero e sexualidades na disciplina de Ciências é permeada por tensões, contradições e ambiguidades. De um lado, observa-se o reconhecimento, por parte de alguns docentes, da importância de discutir tais questões com os estudantes, considerando-as essenciais para a formação cidadã e para o combate a preconceitos. De outro, nota-se a ausência de preparo teórico e pedagógico, bem como a falta de apoio institucional para que esse trabalho ocorra de forma sistematizada, crítica e fundamentada.

Nas entrevistas realizadas, as professoras relataram sentir-se inseguras diante de situações que envolvem conflitos relacionados à homofobia e transfobia entre alunos(as), mencionando também o receio de reações negativas por parte das famílias e da própria comunidade escolar. Diversas participantes destacaram que sua formação inicial e continuada pouco contemplou discussões sobre diversidade de gênero e sexualidades, o que limita suas possibilidades de intervenção pedagógica. Essa lacuna evidencia a necessidade de políticas de formação docente que abordem o tema de maneira mais profunda e contextualizada, como ressaltam Santos e Souza (2020), ao defenderem que a reflexão crítica sobre gênero e sexualidades na escola requer respaldo institucional e compromisso ético dos profissionais da educação.

Outro aspecto recorrente nos dados diz respeito à ênfase biológica que ainda domina o ensino de Ciências. Em grande parte das aulas observadas, a discussão sobre o corpo humano restringiu-se a uma dimensão anatômica e fisiológica, sem conexão com os aspectos sociais, culturais e políticos que também o constituem. Essa limitação reduz o potencial da disciplina



como espaço de reflexão crítica sobre o modo como as identidades de gênero e as sexualidades são construídas e reguladas socialmente.

Como aponta Foucault (2014), os discursos são produzidos e controlados por mecanismos de poder que determinam o que pode ou não ser dito. Assim, ao evitar ou silenciar debates sobre gênero e sexualidades, a escola acaba reproduzindo uma lógica excludente, que invisibiliza as vivências não normativas e nega legitimidade às identidades de pessoas LGBTQIAPN+. Essa omissão compromete o papel emancipador da educação e reforça estruturas de desigualdade.

Entretanto, também foram identificadas iniciativas positivas, ainda que pontuais, no sentido de promover uma educação mais inclusiva. Algumas professoras relataram experiências com o uso de vídeos e conversas sobre diversidade sexual e respeito às diferenças. Essas práticas, mesmo que isoladas, revelam uma abertura à mudança e um movimento de resistência dentro da própria escola, sinalizando a possibilidade de construção de uma pedagogia mais crítica e humanizadora.

Incorporar as discussões sobre gênero e sexualidades ao currículo não significa “ensinar ideologia”, como argumentam discursos conservadores, mas sim oferecer aos estudantes oportunidades de compreender e questionar as relações de poder que estruturam a sociedade. Trata-se, conforme defende Freire (1996), de uma educação libertadora, capaz de formar sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com o respeito às diferenças e com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise preliminar dos dados reforça a ideia de que a abordagem de gênero e sexualidades no ensino de Ciências ainda é incipiente e necessita de maior investimento em formação docente, materiais pedagógicos adequados e políticas públicas que valorizem a diversidade. É urgente que o espaço escolar deixe de tratar essas temáticas como tabu ou ameaça, reconhecendo seu papel na promoção de uma cidadania plena e democrática.

O ensino de Ciências pode e deve contribuir para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das múltiplas formas de ser e viver no mundo. Para isso, é necessário romper com concepções naturalizantes e normativas de sexo, gênero e sexualidades, incorporando ao currículo uma abordagem crítica, interdisciplinar e comprometida com os direitos humanos.



Por fim, esta pesquisa pretende não apenas compreender as práticas docentes em relação a esses temas, mas também contribuir para o fortalecimento de uma educação que acolha as diferenças, promova o respeito e incentive o pensamento crítico. A escola precisa ser um espaço de liberdade e de formação integral, onde todos os sujeitos, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, possam se reconhecer, se expressar e aprender com dignidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.46, p. 269-285, dez., 2007.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org). *Pedagogias da Sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Em Aberto, 5 (31), 2011.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.





SANTOS, B. R. L.; **SOUZA, M. L.** As (im)possibilidades do trabalho com diversidade de gênero e sexual na escola após um curso de formação. *Revista Diversidade e Educação*, v. 8, p. 162-189, 2020.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1995.

